

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

A criação da Oficina Dialógica de Linguagem Musical
como expressão artística promotora de saúde

por

Victor Ramos Strattner

Orientador: Márcio Luiz Mello

RIO DE JANEIRO
2018

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

A criação da Oficina Dialógica de Linguagem Musical como expressão artística promotora de saúde

Por

Victor Ramos Strattner

Monografia apresentada ao Curso de Especialização *Latu Sensu* em Ciência, Arte e Cultura na Saúde como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciência, Arte e Cultura na Saúde

Orientador: Márcio Luiz Mello

Rio de Janeiro
2018

AGRADECIMENTOS

- Agradeço a todas as pessoas que fizeram e fazem parte do desenvolvimento desse trabalho, em especial à coordenação do inovador programa ao qual este trabalho se filia, representada pela Prof^a Dr^aTânia Araújo Jorge, e à minha equipe de pesquisa em Arte, Cultura e Promoção de Saúde do Laboratório de Inovações, Terapias e Ensino de Bioprodutos (LITEB) composta pelo Prof^o Dr. Márcio Luiz Mello e seus orientandos Adrielle Fernandes, Celso Candido, Júlia Fleury, Ricardo Malheiros e Roberto Silva.
- Agradeço também aos queridos pesquisadores Dr^a Ana Maria C. Aleksandrowicz e Dr. Glauber Resende por todas as discussões filosóficas sobre a pesquisa.

Strattner, Victor.

A criação da Oficina Dialógica de Linguagem Musical como expressão artística promotora de saúde / Victor Strattner. - Rio de Janeiro, 2018.
40 f.; il.

Monografia (Especialização) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, 2018.

Orientador: Márcio Mello.

Bibliografia: f. 36-38

1. Promoção de Saúde. 2. Música. 3. Musicoterapia. 4. Art-Based Research. 5. Educação Não Formal. I. Título.

Epígrafe:

Como a órbita da terra abraça o vácuo devagar
Para alcançar o que já estava aqui
Se a crença quer se materializar
Tanto quanto a experiência quer se abstrair
A ciência não avança
A ciência alcança
A ciência em si.

(Gilberto Gil / Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho, 1997)

RESUMO

Este trabalho apresenta as bases teóricas e o desenvolvimento da Oficina Dialógica de Linguagem Musical no Instituto Oswaldo Cruz que visa mostrar como foi feito o seu processo de criação, em 2016, promovendo uma articulação teórica e prática entre a Promoção de Saúde, o método ABR e o fazer musical. Justifica-se o presente estudo pelo fato de que nele toma corpo o método da Art-Based Research, haja vista que ela permite que a pesquisa seja apresentada pela performance artístico-musical.

Esta monografia, que apresenta dados sobre a criação e o desenvolvimento da ODLM, insere-se no campo da Saúde Pública, buscando estabelecer uma interlocução teórica com a área da Promoção da Saúde, com a CienciArte, com conceitos sobre a importância da música para a Saúde Pública. Postulamos a prática da nossa oficina como dialógica com influência da pedagogia Freireana acerca de que o conhecimento não se ensina, ele se constrói através do diálogo.

A oficina é oriunda da Art-Based Research (ABR) que pode ser entendida como uma abordagem metodológica com o uso de diferentes formas de expressões artísticas como um caminho primário para o entendimento do fenômeno estudado, e experimentado pelas outras pessoas envolvidas na pesquisa. Nesse trabalho demos importância ao processo da prática musical em conjunto, correlacionando prática com reflexões teóricas sobre Educação em Saúde e Promoção da Saúde.

A construção teórica bem como as ODLM demonstraram que a metodologia da ABR motiva para responsabilidade entre os envolvidos, expande as possibilidades de divulgação do trabalho científico ao alcançar um maior número de pessoas, que não só a comunidade acadêmica, assim como leva a formulação de novas perguntas que sugerem outros caminhos possíveis para a pesquisa qualitativa em saúde.

Palavras-chave: Promoção de Saúde; Música; Musicoterapia; Art-Based Research
Educação Não-Formal

ABSTRACT

This paper presents the theoretical basis and the development of the Dialogical Workshop of Musical Language. Our goal is to show how the creation process was conducted by promoting a theoretical and practical integration between health promotion, ABR method and the musical performance. The workshop activities were carried out at Instituto Oswaldo Cruz. The current study makes use of the ABR method whose findings can be understood through musical or artistic performance. This monography intends to show data relevant to the creation and development of the workshop. It can be considered to be part of the Public Health domain, attempting to establish a dialogue between health promotion, ArtScience as well as the concept of the importance of music to health promotion. We postulate our workshop practice as dialogical using the theoretical principle of Freire's pedagogical approach, that is, knowledge is not taught but rather built through mutual exchange.

The workshop is based on the ABR which is a type of approach where artistic performances are encouraged as a means to understand the phenomenon being studied and experienced by other people involved in this process. In this workshop, we focused on the musical performance as a group correlating its practice with theoretical reflections on health education and health promotion.

The theoretical approach as well as the workshops demonstrated that the ABR methodology stimulate the participation of the ones involved, reach out to a greater number of people and not just the academic community, and bring about new avenues to formulate questions regarding the qualitative health research.

Key-Words: Health Promotion; Music; Music therapy;
Art-Based Research: Non-Formal Education.

SUMÁRIO

1. Introdução	07
2. Objetivos	09
3. Justificativa	10
4. Referencial Teórico	12
4.1 Promoção da Saúde	12
4.2 CienciArte	14
4.3 A importância da música para a saúde pública	17
4.4 . Um histórico da criação da Oficina ODLM até 2017	19
4.5 A Oficina ODLM como um espaço de Educação Não-Formal	20
5. Metodologia	23
6. Uma análise do formato da oficina ODLM	32
7. Considerações Finais	36
Referências	37
Anexo 1	39
Anexo 2	40

1. INTRODUÇÃO DO PERCURSO PESSOAL PARA A PESQUISA DA ABR

A musicoterapia tem sido pensada a partir da utilização dos parâmetros do som e da combinação destes produzindo música, visando o bem-estar do indivíduo do ponto de vista bio-psico-social-espiritual.

Assim, sou formado no bacharelado em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música, e cursando o mestrado em Ensino de Biociências e Saúde, na linha de pesquisa Ciência e Arte na Fiocruz. Atualmente, tenho pensado na relação da Música com a Promoção de Saúde, uma temática importante, visto a prevalência do modelo biomédico no campo da saúde. Desde meu trabalho de monografia da graduação em 2015, venho pensando nos possíveis diálogos entre a Musicoterapia, Educação Musical, Promoção de Saúde e Educação em Saúde. Neste sentido, sou integrante e participo das reuniões do grupo de pesquisa Arte, Cultura e Promoção da Saúde no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz.

Dessa maneira, em constantes diálogo e construção coletiva, percebemos no referido grupo a necessidade de realçar projetos interdisciplinares como será o caso dessa monografia que teve como objetivo analisar do ponto de vista teórico a criação coletiva da Oficina Dialógica de Linguagem Musical (ODLM).

Este projeto se insere primordialmente na área de Promoção da Saúde, dentro da Saúde Pública, por estar voltado diretamente para a melhoria da Qualidade de Vida do público ao qual se destina. Também se direciona às diversas estratégias de Educação em Saúde, uma vez que alia à informação científica uma ação de cunho artístico que pode ajudar no melhor entendimento desta informação e também à adesão aos comportamentos por ela recomendados por meio do estímulo afetivo e sensorial proporcionado pela experiência artística.

Em termos epistemológicos, vincula-se à abordagem da CienciArte, segundo a qual as duas formas de conhecimento, a científica e artística, devem ser exercidas o mais concomitantemente possível, em diversos tipos de alianças teóricas e operacionais, para se conseguir um melhor resultado nos programas de saúde a cujo planejamento dão embasamento.

Nossa principal metodologia é a da Art-Based Research, segundo a qual a pesquisa em questão é vivenciada por intermédio de recursos artísticos, em especial da própria performance. Trata-se de um método inovador em relação ao uso prioritário

mais convencional de um material de cunho intelectual na construção de pesquisas acadêmicas. Está estreitamente relacionada às pesquisas qualitativas, com as quais revela diversos pontos de contato.

A Art-Based Research (ABR) é oriunda dos EUA, tendo surgido na década de 70 e começou a ser desenvolvida e praticada no Brasil recentemente. Pode ser entendida como uma maneira de expandir as possibilidades de coleta de dados da pesquisa qualitativa tradicional, criando diálogos junto à comunidade científica, de onde pode ser pensada como uma forma de pesquisa que visa ir além da experiência artística *per se*, de forma a alargar o espectro de usos de diversas racionalidades para fazer avançar o conhecimento sobre o tema da pesquisa em questão. Esse conceito será retomado na Metodologia do presente estudo.

O cerne deste projeto, entretanto, é uma valorização substantiva da música como auxiliar na construção de uma visão positiva de saúde nos contextos da Promoção da Saúde e Educação em Saúde. Procuramos aqui ressaltar desde os aspectos neurobiológicos até aqueles altamente simbólicos dos efeitos positivos da música sobre o indivíduo e seu grupo social. As questões relativas ao aumento da coesão social, do senso de pertencimento e do desenvolvimento da noção de Brasilidade que permeiam as atividades musicais em grupo propostas por nós, são ressaltadas pela sua importância fundamental no entendimento de como a música pode auxiliar, através de um viés sócio cultural, o estabelecimento de uma vivência plena de um conceito ampliado de saúde.

A partir do exposto acima, esta monografia retrata a criação e desenvolvimento de uma oficina denominada Oficina Dialógica de Linguagem Musical (ODLM) que teve seu início nas aulas da disciplina “Educação Popular, Cultura e Saúde” e na apresentação final da disciplina “Ciência e Arte”, ambas dos programas de pós-graduação *stricto sensu* Ensino de Biociências e Saúde EBS e *lato sensu* Ciência, Arte e Cultura na Saúde - CACS na FioCruz em 2016. A partir de sua primeira realização vêm se desenvolvendo com diversas oficinas feitas com diferentes públicos na FioCruz – IOC e em outros ambientes externos de promoção de saúde.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Promover articulações teóricas e práticas entre a Promoção de Saúde, a ABR e o fazer musical por meio da oficina ODLM.

Objetivos Específicos:

- Investigar os efeitos do fazer e da apreciação musical sobre a saúde, em especial junto a grupos participativos;
- Promover a educação em saúde a partir da cooperação entre o saber científico e o artístico;
- Contribuir para associar o fazer musical às estratégias de alcance da educação não formal;
- Contribuir para a ampliação do campo conceitual, teórico e aplicado da saúde coletiva, em especial da musicoterapia.

3. JUSTIFICATIVA

Pretendemos através da realização desse trabalho refletir sobre os campos da Ciência e da Arte e suas ramificações na tríade Música, Promoção da Saúde e Art-Based Research, incorporando a metodologia da ABR como forma de apresentar os dados da pesquisa qualitativa através da performance e apresentação artística, em nosso caso de forma musical, e dessa maneira contribuir também para o avanço da ABR no Brasil.

A ODLM, em consonância com sua explícita inserção na promoção da saúde, valoriza uma reviravolta diante daquela concepção “clássica”, em que a saúde é avaliada a partir de sua ausência, traduzida na doença e na morte (DUCHIADE, 1995). Ou seja, faz parte de um conjunto de projetos e estratégias que valorizam a qualidade de vida e o estado positivo de saúde, a ser definido na fundamentação teórica do presente estudo.

Utilizamos a epistemologia de CienciArte, pois situamo-nos entre estas duas formas, Ciência e Arte, de decodificar a realidade em termos teóricos e práticos.

O raciocínio perceptual (saber sensível) e o pensamento como interação combinatória (a procura do inteligível) constituem o cenário do pensamento criativo, de forma correlata, complementar, cooperativa, interdisciplinar e multimidiática no intuito de pensar-fazer a luz. (PLAZA, 2003, p. 47).

No projeto, à partir da equipe interdisciplinar acumulamos ou alternamos nossos papéis de artistas, cientistas, educadores e/ou profissionais de Saúde que estão realizando ciência e arte. Acreditamos que podemos produzir conhecimentos com base em nossas experiências, sem necessariamente separar o nosso “pensar”, do nosso “fazer”, nem depender de teorias ou técnicas pré-estabelecidas por um certo cientificismo vazio (Mello, 2016).

Esse arcabouço teórico vai afinar-se com a metodologia da ABR, escolhida por ser a expressão concreta de uma pesquisa teórica que apresenta-se através de uma performance.

Esta metodologia adequa-se perfeitamente à preocupação de proporcionar espaços de experiência criativa para um público mais amplo, com uma linguagem acessível para que o maior número de pessoas possível possa experienciar o prazer de participar e usufruir dos resultados em termos de Qualidade de vida que um projeto de Promoção de Saúde deve oferecer.

A música é um veículo ideal para este fim, pois seus efeitos terapêuticos em termos de alívio de tensões e aumento de bem-estar psicológico são altamente reconhecidos. Acrescente-se a forte ligação existente entre atividades em grupo como as artísticas que fortalecem a adesão sociocultural e o bem-estar, acentuando e aprofundando as dimensões das experiências sociais.

Essa oficina reúne aspectos teórico-metodológicos tanto da Educação Musical Não-formal como do Conceito Ampliado de Saúde. Os aspectos da educação musical dizem respeito aos processos metodológicos de ensino-aprendizagem que esta utiliza para que diversos indivíduos se relacionem com a música de modo amplo e consciente por meio do uso de instrumentos de percussão com exemplos práticos e de uma execução imediata dos mesmos. Já os aspectos do conceito ampliado de saúde dizem respeito a uma utilização da música como forma de promover uma reflexão-ação que busque ir além do binarismo saúde *versus* doença. Neste sentido, o presente estudo tem sua relevância centrada na possibilidade de mover o terreno da Saúde Coletiva, em especial da Musicoterapia para que estas possam, em alguma medida, sair da lógica binária entre saúde e doença e operar sob a lógica ampliada de saúde, abrindo-se a diferentes públicos, reunindo elementos para se pensar o sentido da saúde ampliada e sobre como o fazer musical coletivo pode agir em prol da saúde dos participantes.

Nesse contexto, trabalhamos na oficina, entre outras coisas, a coordenação motora com o acompanhamento dos ritmos brasileiros que se dão por intermédio das figuras musicais como mínimas, semínimas, colcheias e semicolcheias, distinguindo os movimentos do braço direito e esquerdo ao tocar os instrumentos de percussão, assim como a auto-expressão por meio da possibilidade de cantar as músicas com as letras das canções trabalhadas.

Ressalta-se a importância que foi a pesquisa bibliográfica para o desenvolvimento deste trabalho, visto que percebemos a hegemonia americana com mais de 40 anos de pesquisa sobre essa metodologia, e a quase inexistente pesquisa no Brasil.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Promoção da Saúde

Essa monografia se embasa no conceito de estado positivo de saúde, para trabalhar a melhora da qualidade de vida e do potencial da condição humana utilizando aspectos terapêuticos da música.

A Promoção de Saúde é uma área ainda recente na Saúde Pública que leva em conta fatores sociais, psicológicos e culturais que possam ajudar não só a prevenir a doença, mas a promover a Qualidade de Vida de indivíduos e grupos sociais. (BARROS,2008) e (CZERESNIA,2003).

Nesse contexto, a partir da sua problematização, iniciou-se um novo rumo para a área de Saúde. Nela considera-se importante desenvolver o próprio potencial e responder de forma positiva aos desafios do ambiente.

No entanto, esta descrição idealista e integradora tem sido por vezes considerada como inatingível e inaplicável à vida da maioria das pessoas.

Esta inovadora abordagem na saúde mensura o valor da saúde, através de indicadores positivos como índices de qualidade de vida ou de desenvolvimento físico e mental. Observa-se que:

É necessário pôr em prática diferentes formas de educação para a saúde o que significa uma superação do papel que tradicionalmente lhe foi atribuído, limitado, fundamentalmente, a mudar as condutas de risco dos indivíduos; e se converte assim em potente instrumento para a mudança. Nutbeam, D., 1996. "Glosario de Promoción de la Salud.". In *Promoción de la Salud: una antología* . Publicación Científica nº 557 (OPAS,1996. p. 393-403)

A este respeito, Nutbeam (1986) ainda assevera:

Os conceitos gerais dos estados positivos de saúde incluem a energia para viver, a auto-realização e a criatividade. Um estado positivo de saúde está mais relacionado com o progresso individual do que com a simples resolução de problemas. O estudo do estado positivo de saúde transcende claramente a preocupação tradicional da medicina por preservar e restaurar a saúde (p.395)

Outro conceito importante neste sentido é o da *saúde sentida*, ou seja, "a interpretação que a (própria) pessoa faz de suas experiências de saúde e seus estados precários de saúde no contexto da vida diária" (Op.Cit., p. 401).

Também o item *Bem estar* contempla o tema, associando-o estritamente ao *estado positivo de saúde* por ambos estarem relacionados ao:

desenvolvimento de potencial humano em nível físico, psíquico e social (para o qual contribuiria, dentre outros) a inclusão em um sentido mais amplo de adscrição social, ao pertencer a uma comunidade (partilhando) o núcleo central de seu significado”(Op.Cit., p. 389) [grifo nosso].

Prescreve ainda a *Conduta orientada para a saúde*:

Qualquer atividade de uma pessoa, independente de seu estado de saúde real ou de sua própria percepção do mesmo, encaminhada a fomentar, proteger ou manter a saúde, tanto se a dita conduta é ou não objetivamente efetiva para conseguir este fim. Nota: lembrar que são contempladas as condutas relacionadas com a saúde que não estão necessariamente dirigidas ‘de forma consciente’ a melhorar a saúde” (Op.Cit., p. 391) [grifos nossos].

Evidencia-se assim a forte ligação entre atividades em grupo que fortalecem a adesão sociocultural e o bem-estar, como as artísticas, para o estado positivo de saúde preconizado pela Promoção da saúde.

Nesse contexto, a música está sendo empregada como forma de busca de satisfação e de potência e, em um país em processo de desenvolvimento de sua auto-estima como o Brasil, é fundamental trabalhar com conceitos, quais os de potência e ideal do grupo, para estimular o justo orgulho por sua “brasilidade”.

Assim, os assuntos contemplados pelas antigas Humanidades – que, em sua acepção clássica, compreenderiam a *filosofia*, a *literatura* e as *artes* (RIBEIRO, 2001) - e pelas Ciências Humanas e Sociais (sem negar a equivalente importância das Ciências Naturais e Exatas) são de grande interesse para a Promoção da Saúde, assim como para a Saúde Integral (BARROS, 2008).

Pretendemos defender a importância da música para a promoção da saúde, visto que a necessidade da arte ainda é, com frequência e infelizmente, subestimada na Saúde Pública. Em especial em ambientes populares, onde a expressão musical já se constitui em uma herança cultural que, tradicionalmente, a faz aliada de atos sociais espontâneos em prol do bem estar e senso de pertencimento de indivíduos e grupos sociais.

Cabe à saúde pública, pois, (re)descobrir e estimular estratégias e recursos que aproveitem este rico manancial em prol de uma educação sanitária adequada, aproveitando e (re)direcionando uma participação comunitária entusiasta para prover uma melhor qualidade de vida e de saúde.

Segundo Czeresnia (2003), não há como trabalhar adequadamente e de modo prático a construção da ideia de promoção de saúde sem enfrentar duas questões fundamentais e interligadas: a necessidade da reflexão filosófica e a conseqüente reconfiguração da educação (comunicação) nas práticas de saúde.

A saúde trata, como afirma Nietzsche (*apud* Czeresnia, 2003), não de ‘verdade’, mas de “(...) *futuro, crescimento, potência e vida*”(p. 3.)

4.2 CienciArte

O panorama atual avulta a relevância de novas epistemologias como a da *ArtScience*, que se propõe a estimular um diálogo entre os saberes humanísticos e científicos, sem hierarquizá-los, colocando-os lado a lado de modo experimental e tentando extrair novos processos deste encontro. A complexidade dessas relações e discursos torna inevitável a aquisição de teorias e metalinguagens apropriadas para esclarecer essas relações, pois o saber e o fazer artístico passam a ser estudados também nas Universidades.

A epistemologia da *ArtScience* nutre-se de reflexões indiretas a seu respeito como as de Deleuze & Guattari sobre o necessário trânsito entre os campos da Arte (*Perceptos*) e da Ciência (*Prospectos*) (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 193) relacionando, por este viés, a ciência e a arte. O diálogo entre as duas, no contexto da CienciArte e da Promoção da Saúde, tenderia a valorizar a “racionalidade mítica” – que segundo Atlan (ATLAN, 1991,1994) estaria em constante tensão ‘intercrítica’ com aquela ‘científica’ –, de maneira complementar e compensatória à tendência majoritária vigente de creditar a manutenção-restabelecimento da saúde às instâncias biológicas sob a égide dos procedimentos da “racionalidade científica” (recursos medicamentosos e tecnobiológicos). É também neste sentido que estamos esboçando a ODLM de forma mais intuitiva, deliberadamente com base exclusiva em nossa experiência direta em nosso grupo de pesquisa e com o nosso público-co-participante. Podemos creditar-lhe, por conseguinte, um caráter de natureza predominantemente experimental. Inspiram-nos, todavia, neste momento, embora não estejamos ainda formulando estas referências academicamente, a contribuição de Paulo Freire quanto à dialogia e à construção do saber em suas obras: *Pedagogia do Oprimido* (1968) e *Pedagogia da Autonomia* (1996).

Enquanto o artista olha para a realidade e tenta se aproximar utilizando a sensorialidade, se valendo das possibilidades da estética, na qual retrata a sua impressão dessa realidade, o cientista por outro viés tenta obter com seus experimentos e registros dados de uma realidade que ele hipotetiza. A partir da criação de uma pergunta, persegue seus objetivos, visando chegar o mais próximo possível do seu objeto de estudo, e precisando da validação dos seus pares, para que seu trabalho seja aceito.

Ciência e arte têm uma origem comum, na abdução ou capacidade de formular hipóteses, imagens, idéias, na colocação de problemas, mas é o seu desempenho e “performances” que se distanciam enormemente, como nos processos mentais de análise e síntese.(PLAZA & TAVARES, 1998, pág.41)

É importante não confundir as duas linguagens, visto que não existe uma ciência “artística”, nem uma arte adjetivada de “científica”. Também não existe uma estética (especulação, reflexão) que possa ser considerada de cunho científico. O que existe são cruzamentos ‘intertextuais’ entre ciência e arte que, ao se entrelaçarem, valorizam e enriquecem a pesquisa onde se situam, visto que “a arte não tem compromisso com a verdade e sim com a estesia ou sensibilidade” (aliás, algo instável). Assim, na arte se mostra mas não se demonstra (Op. Cit., pág.43).

Pesquisadores das fronteiras aludem ao movimento interdisciplinar que se teria processado e intensificado durante o século XX como sendo um “novo” renascimento (D’AMBROSIO,1997), por tentar restabelecer uma unidade ou uma abrangência maior de perspectivas no estudo da natureza e do ser humano, perdidas desde o século XVI-XVII, com o desenvolvimento do pensamento moderno e a divisão em compartimentos da realidade imposta pelo primado da visão cartesiana.

A partir, principalmente dos anos 80 do século XX, o modelo científico hegemônico desde o advento da Modernidade passou a ser questionado através de pensadores como Morin (1991) e Nicolescu (1999), que propõem o Pensamento Complexo e a Transdisciplinaridade.

Essa problematização, ampliou as condições de diálogos entre as descobertas da ciência com atribuições de significados por parte das Humanidades, aqui incluídas, pois, as artes, a literatura e a filosofia.

Não pensamos que as humanidades constituam simples ilustração embelezada daquilo que, pela via dura, se concluiu na pesquisa

científica, mas que possam – justamente- formar alunos capazes de questionar as regras que aprenderam, e serem capazes de inovar na pesquisa. (RIBEIRO, 2001, p. 17)

Nesse contexto de estimulação do trânsito entre as fronteiras, novos programas e projetos podem ser concebidos de maneira a aproveitar o mais possível a contribuição tanto da Ciência quanto das Humanidades.

A CienciArte encontra, pois, uma excelente área de aplicação na Saúde Pública, em especial junto a Promoção de Saúde e Educação em Saúde.

Em 2000, temos um marco no campo da CienciArte, visto que a cientista Tania Araújo-Jorge passa a oferecer a disciplina “Ciência e Arte I” dentro da grade curricular no ensino lato e stricto sensu do Instituto Oswaldo Cruz - IOC, sendo levada a efeito até os dias atuais. O objetivo dessa disciplina pode ser bem demonstrado no artigo “CienciArte ou Ciência e Arte? Refletindo sobre uma conexão essencial” de Dez. de 2017:

A proposta CienciArte tem como objetivo cultivar o “novo renascimento”, através da inovação e inspiração, bem como construir um discurso interno e público sobre a relação entre arte, ciência, atividades humanas, e tópicos relacionados a atividades multidisciplinares e multiculturais. (Sawada et all, 2017).

Podemos entender melhor o que é CienciArte por intermédio das três assertivas abaixo, a partir do pensamento de Sawada et all (2017):

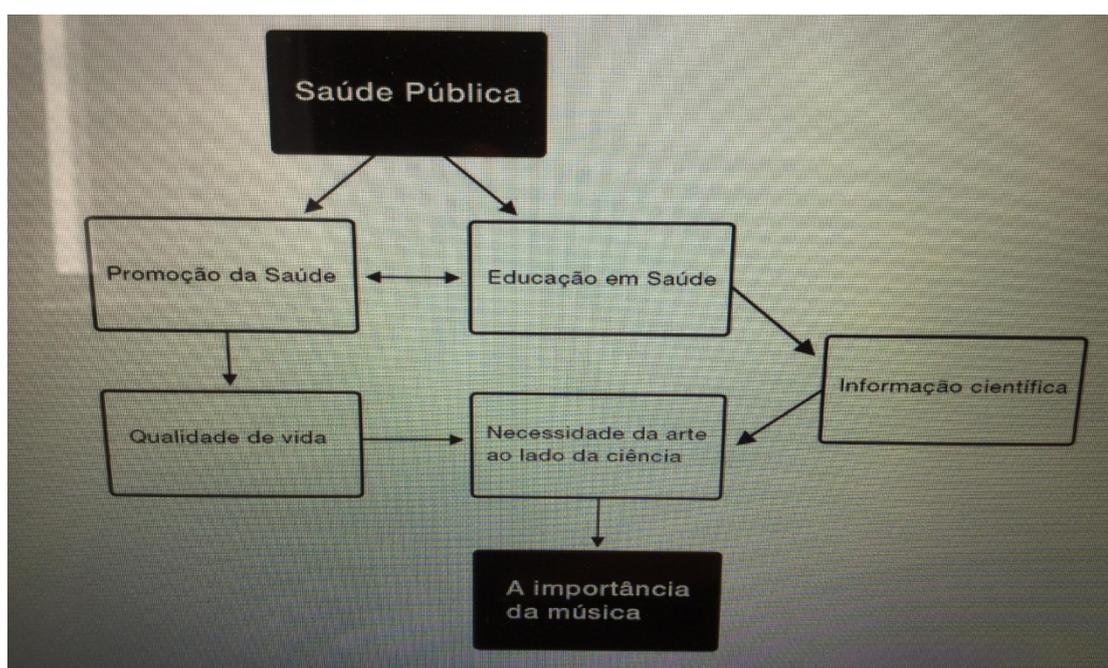
1. A CienciArte envolve a compreensão da experiência humana da natureza pela síntese dos modos artísticos e científicos de investigação e expressão.
2. Procurar-se-á resgatar, indo além do conflito humano-tecnológico e o hiato entre ciências e humanidades, os vínculos entre Ciência e Arte existentes na humanidade até o século XVI, quando as duas eram estudadas indissoluvelmente ligadas. Exemplo: Leonardo da Vinci e seu tratado de pintura.
3. Tanto artistas como cientistas ajudam o público a notar e apreciar as coisas da natureza que em geral ignoramos, com repercussões evidentes para o bem-estar e sentimento da potência do existir preconizado pela Promoção da Saúde.

Arte e ciência são, pois, duas mãos na mesma via, e só tendem a complementar nossa capacidade de descrever e compreender a natureza. Czeresnia (2003) afirma a exigência de revalorizar a aproximação complementar – na ação – entre formas de linguagem essencialmente diferentes entre si. Sem abrir mão de ter conhecimento de causa dos saberes científicos, é preciso recolocar a importância do papel da filosofia, da arte e da política.

Desta forma, o ensino, a pesquisa, e o desenvolvimento de tecnologias sociais e educacionais sobre a relação entre Ciência e Arte na pós-graduação de Ensino de Biociências e Saúde no Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz tem valorizado substantivamente o pressuposto de que a associação da arte à educação científica possibilitará aos educadores e aos seus futuros alunos, desenvolver novas intuições e compreensões através da incorporação do processo artístico e outros processos investigativos, construindo um discurso interno e público sobre a relação entre arte, ciência, atividades humanas, e tópicos relacionados a atividades multidisciplinares e multiculturais.

4.3 A importância da música para a saúde pública

A fim de uma melhor compreensão desta temática apresentamos abaixo um quadro sinóptico para orientar nossa reflexão:



Em termos do nosso projeto, as duas áreas da Saúde Pública as quais ele se destina mais especificamente são a Educação em Saúde e a Promoção em Saúde.

A Educação em Saúde é um processo amplo que se destina ao esclarecimento de um público geral ou de um público mais específico, sobre os fatores que causam as doenças, assim como a forma de evitá-las. Assim, provê informação sobre os fatores relativos à saúde/doença seja para a população em geral no caso das campanhas para evitar determinada doença, de acordo com a informação científica adequada, seja para um público específico, como, por exemplo programas para agentes comunitários (Czeresnia,2003).

Já a Promoção da Saúde parte de uma valorização dos aspectos positivos da Saúde, em termos da assim chamada qualidade de vida, medida através de indicadores positivos, tais como: Energia de Viver, Auto Realização e Criatividade (NUTBEAM, 1996).

Qualquer atividade que confere significado positivo à vida, é importante para a qualidade de vida de um indivíduo e/ou de um grupo social. Neste sentido, a Arte é importantíssima, pois ela é em si mesma uma forma de conferir significado à vida através de um viés estético. A potência da prática musical vai além ou/e complementa o processo de reflexão, inclusive através do estímulo ao desenvolvimento da plasticidade neural, pois *“não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana”* (BLACKING, 2007 p. 201).

Acresça-se que pesquisas nas áreas da neurobiologia e neurociências revelam o efeito da música sobre o funcionamento do cérebro através de alterações fisiológicas múltiplas: ampliação do desenvolvimento cognitivo e emocional, modulação neurovegetativa, variação de frequência cardíaca, dos ritmos elétricos cerebrais, da respiração e do sono - e a produção de novos e variados neurotransmissores. A música, mais do que qualquer outra expressão artística, tem uma extensa representação neuropsicológica, com acesso direto às áreas responsáveis pela afetividade, controle de impulsos e emoções. Ela é mencionada como sendo capaz de estimular a memória não verbal; um elemento de aplicação nas funções cerebrais que envolve um armazenamento de símbolos organizados e que estimula a capacidade de retenção e memorização (TARRICONE, 2015).

Existe a necessidade de entender melhor o processo de recepção e percepção dos indivíduos em relação a música para gerar novas e melhores formas de aplicar atividades com base na música nos contextos de saúde. Segundo Merriam (1964),

"provavelmente, não há nenhuma outra atividade cultural humana que seja tão disseminada e que alcance, modele e frequentemente controle tanto do comportamento humano" (p.218). Os estudos em neurociências colaboram para este fim, já que ao entender a estrutura e funcionamento do sistema nervoso, é possível compreender como a música é processada e como subsidiar novas formas de tratamento, abordagens clínicas e buscar terapias diferenciadas para diversas enfermidades. A música é um veículo ideal para este fim, pois seus efeitos terapêuticos, em termos de alívio de tensões e aumento de bem estar psicológico já são reconhecidos.

4.4 Um histórico da criação da Oficina ODLM

Uma nova concepção de música e som musical foi delineada durante o período de 1930 a 1950 pelos compositores que pesquisavam o som; a partir de então, a linguagem musical poderia ser composta com qualquer som e também com as tradicionais notas musicais; o som que fosse utilizado para criar uma linguagem musical seria, portanto, um som musical com o mesmo peso que o jogo melódico-harmônico tradicional. Estes parâmetros estéticos oferecem amplas perspectivas, desvelando inúmeras alternativas desde então, para a atualização da Educação Musical tradicional.

Uma de nossas principais referências, no que diz respeito à nossa oficina é a OLM – Oficina de Linguagem Musical, que foi criada dentro destes novos parâmetros que então se afirmavam no horizonte da educação musical em 1970 pelo Educador Musical L.C.Csekö. A OLM de Csekö se posiciona em contraponto ao alijamento do processo de criação, à ausência da linguagem, vocabulário e procedimentos contemporâneos experimentais e à abordagem mecanicista encontradas no campo da Educação Musical tradicional.

Com a melodia e a harmonia sendo apenas mais uma opção para a criação musical, a OLM, calcada na estética da escassez – menos é mais, do mínimo ao máximo – trabalha o explorar, tocar, criar/improvisar com os sons produzidos por objetos sonoros/instrumentos. A sala de aula, antes uma rígida ausência de instrumentos musicais, passa agora a apresentar uma insuspeita, abundante gama de sons, um surpreendente espectro tímbrico, dinâmico, de duração e altura. Essa oficina têm como objetivo: Investigar os Processos de escuta diferenciada, Acuidade

Auditiva, Memória Sonora, Imaginação Sonora, desenvolvendo o Ouvido Interno, estimulando o processo de criação.

Desta forma, a OLM ampliou as possibilidades da educação musical. Este tipo de oficina recolocou a importância da improvisação, da prática de conjunto e do prazer da criatividade, assim como realização de exercícios de escuta diferenciada, na qual trabalha-se a distinção entre escutar e ouvir.

Tal distinção é muito valorizada, visto que para escutar é necessário uma atenção focada. O intuito de entender esses processos, para Csekö, foi o de ter maiores recursos para facilitar o processo de composição, entendendo que o reconhecimento do som, passa pela memória sonora.

4.5 A Oficina ODLM como um espaço de Educação Não-Formal

Atualmente podemos destacar no Brasil três modelos de educação: Formal, Informal e Não-Formal. A educação formal é aquela realizada na escola com conteúdos previamente estabelecidos, com respaldo de conteúdo de acordo com o MEC.

A educação informal é aquela onde os indivíduos adquirem seus valores e se educam mediante ao processo de socialização em diversos ambientes, como a família, as instituições religiosas, por exemplo.

Na educação não-formal, os indivíduos podem ter voz ativa e dinâmica. Não apenas vão ser depósitos de informações, como é o caso da Educação Bancária (FREIRE, 1974), mas produtores de conhecimento, baseado em suas próprias experiências e em sua cultura. Dessa maneira, é importante oferecer espaço para os alunos refletirem sobre o que é o conhecimento.

No livro *Participação e teoria democrática*, Pateman (1992) chama a atenção para o fato de que a participação gera atitudes de cooperação, integração e comprometimento com as decisões. O autor destaca o sentido educativo da participação, a qual, como prática educativa, forma cidadãos voltados para os interesses coletivos e para as questões da política. Os defensores da democracia participativa inovam com sua ênfase na ampliação dos espaços de atuação dos indivíduos para além da escolha dos governantes e inovam também ao destacar o caráter pedagógico da participação.

Sobre a realização de um processo de educação não formal, GOHN (2013) relaciona alguns aspectos importantes, tais como: Não é fácil realizar essa conexão dos educandos com determinado conteúdo, nem na educação formal e também não é na não formal. É preciso ter objetivos bem delimitados, traçar um caminho, e mesmo que este possa ser modificado pela construção participativa, os resultados podem ser bons para o grupo que participou. Isso só é possível quando a intenção e os objetivos são construídos em função dos educandos, de forma que seja benéfico para suas vidas, sem interesses que fujam do foco que é o educando.

Segundo a autora, o modelo de participação é um processo complexo, que precisa ser construído a partir de dadas intencionalidades e condicionalidades, de dadas premissas que coloquem os interesses públicos, dos cidadãos, e as carências efetivas existentes, como prioridades absolutas. Ou seja, suas palavras deixam claro que não é um processo fácil, uma das maneiras de fazer com que seja efetivo, é voltar a atenção aos interesses dos indivíduos e de seus coletivos. A partir disso, pelo menos será possível delimitar os objetivos. Uma das perspectivas de aprendizagem abordadas no texto está voltada para como o indivíduo têm atuação ativa no conteúdo ao qual lhe é aplicado. Ou seja, o conteúdo não consegue permanecer o mesmo depois que foi transmitido.

Afinal, os indivíduos não são vazios, e sempre trazem consigo um conhecimento que é seu, com base em sua história, sua cultura, sua construção social. Cada informação que lhe é dada em sua vida sofre influência de sua base.

Em nossa oficina valorizamos substantivamente o fazer musical como educação não formal. Segundo Gohn,(2013)

A música têm sido, por suas características de ser uma linguagem universal, e de atrair a atenção de todas as faixas etárias, o grande espaço de desenvolvimento de programas e projetos da educação não formal. (p. 42)

Postulamos a nossa oficina como sendo dialógica por estarmos de acordo com Freire (1980) acerca de que o conhecimento não se ensina, ele se constroi através do diálogo. Essa posição educativa é essencialmente democrática, pois o processo educativo é compreendido, como sendo um processo de diálogo entre os saberes, estabelecendo uma relação horizontalizada entre o educador e o educando.

5. METODOLOGIA

O início do século XXI pode ser visto como um dinâmico tempo para a pesquisa acadêmica, com as fronteiras metodológicas se expandindo entre as disciplinas sociais. Isto porque até o início do século passado a pesquisa era considerada uma atividade em busca da neutralidade, de alguma forma não totalmente relacionada à sociedade, sendo que os pesquisadores eram vistos como separados dos seus resultados de pesquisa. Considerando que hoje se observa que pesquisador, objeto e demais sujeitos da pesquisa estão inseparavelmente imbricados, surgem metodologias de pesquisa mais interativas, como é o caso da como *Art-based Research (ABR)*.

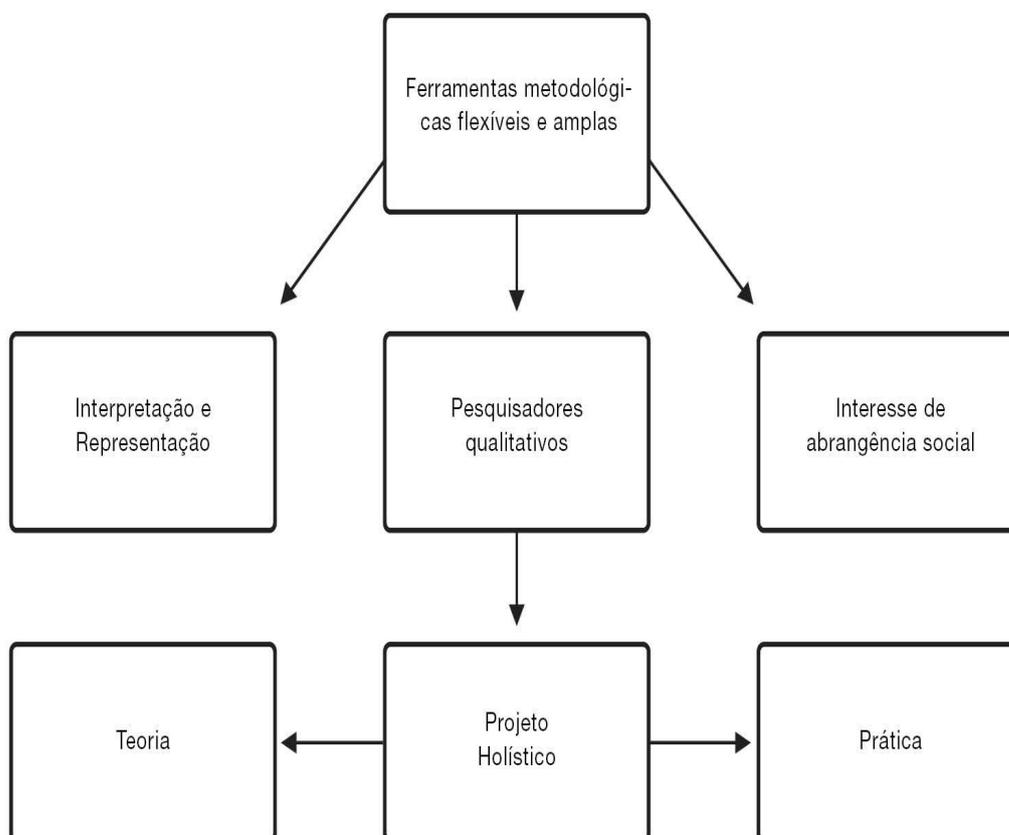
A ABR pode ser entendida como o uso de diferentes formas de expressões artísticas, como um caminho primário para o entendimento de experiências científicas tanto do pesquisador, como para as pessoas envolvidas em seus estudos (Leavy, 2009). No início da década de 1970 já existiam investigações sobre o processo artístico nas pesquisa acadêmicas dos quais um dos precursores é McNiff (1989). Este pesquisador passou de uma perspectiva segundo a qual seus métodos de fundamentação teórica vinham também da Psicologia para aqueles segundo os quais a Arte funciona como modelo primário de pesquisa. Todo o desenvolvimento da ABR veio através de movimentos de universidades nos EUA, que davam ênfase ao diálogo da Arte com outras disciplinas, assim como de artistas procurando maneiras de usar suas habilidades como pesquisadores.

Nove anos mais tarde, já trabalhando com alunos de Mestrado e Doutorado McNiff escreve o livro *Art-Based Research* (1998) sobre a importância desse método, ao ressaltar aspectos da inteligência criativa e da comunicação, gerando informações importantes que podem complementar a visão de um mesmo fenômeno sob outras lógicas. Este tipo de pesquisa se diferencia das demais, pois utiliza a arte como possibilidade de construção de dados em meio a investigações, em paralelo às pesquisas mais tradicionais que fazem uso de métodos estatísticos para descrição e/ou análise de fenômenos.

É importante destacar que no caso da pesquisa em música torna-se necessário que o facilitador tenha um certo domínio da habilidade técnica dos instrumentos musicais escolhidos, visto que essa habilidade pode afetar os resultados, no que diz respeito ao engajamento dos participantes. No livro *The Practice of Imagination in Life*,

Art, and the Workplace (MCNIFF, 2003), o autor dá exemplos de como a arte pode nos ajudar na interação com outras pessoas, ao olhar o mesmo fenômeno por um outro ângulo, possibilitando formas originais de se trabalhar um determinado tipo de problema. Podemos aplicar tal pressuposto, por exemplo, no caso de estudos sobre a melhora da saúde de idosos em processo de demência, os quais mostraram que, através da prática de performances musicais, idosos se tornam mais integrados e ativos nas atividades cotidianas. Além disso, em vários outros grupos que têm executado atividades musicais, podemos observar o quanto esta pode gerar um sentimento de maior potência existencial ao proporcionar ambientes que inspirem a expressão criativa do grupo.

Em seguida apresentamos uma organização esquemática da ABR que sintetiza seu vasto e flexível alcance dentro da ODLM:



Fonte: o autor (anotações pessoais)

O meio acadêmico vem se tornando mais responsivo a novas estratégias de investigação e sabe-se que tanto a ciência quanto a arte envolvem o uso sistemático de expressões com o objetivo de novas expressões sobre a vida. Em vez de refletir sobre fenômenos artísticos em estudos de casos, entrevistas ou outros textos exploratórios, os estudiosos da ABR se perguntam mais a respeito do processo de impacto que a arte proporciona, criando meios de comunicação sob um espectro mais inteligente, acurado e criativo (Leavy,2015).

Lembremos que, há uma interconexão estreita entre epistemologia e a metodologia (MINAYO, 2002). A linha epistemológica principal do presente estudo é a CienciArte. A metodologia principal da monografia é, pois, a da Art-Based Research (ABR), ao lado da metodologia qualitativa tradicional.

A definição da ABR, adaptada a partir de Patrícia Leavy (2009), consiste em:

Um conjunto de ferramentas metodológicas que por meio da arte, incentiva as mais diversas expressões dos participantes, sendo usada por pesquisadores qualitativos, entre as disciplinas durante toda a fase da pesquisa social, incluindo a coleta de dados, análise, interpretação, e representação.(adaptado de Leavy, 2009 pág. IX prefácio)

Para a ABR, o fazer artístico (em nosso caso, o musical) é visto menos como experimento e mais como uma realização. As pesquisas da ABR são apresentadas como 'performances', (em nosso caso, à partir da música), paralelas ou não às análises dos discursos a elas relativas. Associando a ABR às metodologias qualitativas tradicionais, pode-se dizer que *"a partir das capacidades das artes criativas, a prática da ABR possibilita para pesquisadores qualitativos alternativas sobre o método da pesquisa tradicional"* (LEAVY, 2009, pág IX). Desta forma, pode-se levar em conta os relatos de seus participantes quanto à consecução dos objetivos pretendidos, através de entrevistas semiestruturadas como instrumento complementar de pesquisa.

A grande vantagem deste método (ABR) é sua condição de, transformando as práticas de construção de conhecimento, criar uma sinergia entre o objetivo da pesquisa e o público, constituindo-se , pois, em um projeto holístico. Neste sentido, LEAVY (2009) sinaliza que *"estas ferramentas emergentes adequam-se aos princípios da arte criativa de maneira a se referir a questões da pesquisa social de maneiras holísticas engajadas, nas quais teoria e prática estão entrelaçadas"*.(LEAVY, 2009, p. 3)

A ABR lida com seis diferentes linguagens artísticas segundo Leavy (2009), sendo estas: 1. Análise Narrativa, 2. Poesia, 3. Música, 4. Estudo da Performance, 5. Dança e Movimento, 6. Arte Visual.

Essa metodologia tem como objetivo tornar um assunto de relevância para a pesquisa mais acessível a um público diversificado e leigo, propondo um diálogo entre pesquisador e público através da linguagem artística, no caso, musical. Em nosso caso, pensamos a ABR em temas relativos à saúde.

O material produzido como fruto da ABR pode ter grande repercussão política, podendo realçar um texto ideológico, enfatizar uma prática de resistência ao status quo ou ajudar a compreender melhor aspectos da vida social como, por exemplo, os rituais. Dessa maneira não é apenas performance artística, visto que é ao mesmo tempo uma atividade com finalidades sociais, educacionais e terapêuticas (Mello, 2016).

Por intermédio desse método podemos trabalhar uma outra maneira de comunicação que não seja apenas a verbal com os participantes. No caso da música utilizamos os parâmetros musicais e as propriedades do som, tais como: o ritmo, a melodia e a harmonia, a altura, a duração, a intensidade, o timbre como forma de expressar emoções e compartilhar informações relativas à saúde, inclusive as científicas.

Segundo McNiff (2002), a ABR é definida como o uso da expressão artística, como um modelo primário de pesquisa que discute a necessidade de aplicar a arte a disciplinas da saúde, arteterapia, unindo ciência e arte para aperfeiçoar os métodos de pesquisa e realizar os recursos únicos propiciados pela arte como forma de entendimento e comunicação das experiências humanas. Cada vez mais percebe-se que o conhecimento artístico pode complementar o científico.

McNiff (2002) sinaliza que a definição da qualidade da ABR é bem descrita em um número do “Journal of Applied Arts e Health” como o uso empírico da experimentação artística tanto para o processo de pesquisa como para a comunicação dos resultados.

Alguns autores como Coemans & Hannes (2017) alegam que o uso de métodos baseado em artes possibilita diferentes formas de compreensão, principalmente em contextos comunitários, visto que têm possibilidade de fomentar uma relação mais horizontalizada entre pesquisador e pesquisado, no qual o conhecimento é construído em conjunto.

Conforme McNiff (1998), a maioria dos profissionais artistas, ainda não conseguem ver os diálogos entre investigação artística e pesquisa formal. O estudo dos efeitos das experiências com as linguagens artísticas junto aos processos de pesquisa é o que distingue pesquisa baseada em arte de outras tradições de pesquisa.

Kara (2015) aponta que houve uma mudança de paradigma quando os pesquisadores começaram a ir em busca de outras linguagens, como por exemplo a arte, com o intuito de aprofundar o tema das suas pesquisas. Seu livro foca nos métodos criativos na pesquisa social para todos os pesquisadores que visam um maior senso de dinâmica em suas pesquisas.

Vaart et all. (2018) identificam três motivos principais pelos quais a ABR se torna uma metodologia muito atraente para pesquisadores mais afinados com o atual momento cultural. O primeiro motivo seria que este método pode prover a pesquisa qualitativa de novas e inéditas aproximações. Um artista é capaz de trazer para a pesquisa todo um repertório singular de formas muito distintas das usuais de ver, imaginar, compreender, articular e fazer sondagens prévias, de maneira a construir práticas mais robustas e bem embasadas. O segundo motivo é que a ABR, pode agregar valor no que diz respeito a responder questões que não podem ser completamente respondidas usando métodos de pesquisa mais tradicionais. Neste sentido, a ABR pode provocar respostas afetivas bem mais intensas, indo além das variáveis cognitivas do conhecimento. O terceiro motivo é que a metodologia da ABR é altamente apropriada para pesquisas ligadas a ações participativas comunitárias. Além disso, pode ser aplicada a diversos contextos e servir como ponte efetiva entre gerações, culturas, classes socio-econômicas e pessoas que estão habitualmente divididas entre diferentes agendas e interesses.

Saldaña (2012) propõe-se a ensinar o método através de interpretar e representar os dados em formato etnográfico. Assim, sua original contribuição centra-se na expressão artística teatral que assume, pois, uma característica metalinguística em sua relação com a ABR. Por exemplo, em uma dada performance teatral, uma determinada hipótese de relação entre a depressão e uma certa postura corporal será dramatizada no palco ao invés de debatida em um *paper*.

Segundo o pesquisador Ryan Rominger (2015) na metodologia da ABR, até o dado momento, existem as tradições *universalistas* e *pós-moderna*. A tradição universalista tem como principal influência a psicologia analítica de Carl Gustav Jung, que insere em sua prática os conceitos de Arquétipo, Inconsciente Coletivo e dos

Símbolos. Essa abordagem é trabalhada por pesquisadores como McNiff (2013) e Moon (2010) entre outros, e bastante utilizada em processos terapêuticos, tais como a Musicoterapia que se utiliza da linguagem musical no *Setting* terapêutico.

A outra vertente da ABR é denominada de *pós moderna*, na qual Leavy (2009) se insere. Essa abordagem destaca as identidades dos participantes em determinado contexto social, e as possibilidades de que o fazer artístico acesse e contribua para a pesquisa de cunho social. Prioriza-se a capacidade da música de ampliar a voz a grupos minoritários, refletindo-se por meio da pesquisa, nos resultados, em especial sobre o *status-quo* e a hierarquias pré-estabelecidas socialmente.

Em recente pesquisa bibliográfica para este trabalho, evidenciou-se o quanto uma mais apropriada compreensão da metodologia da ABR depende de uma sensibilidade mais apurada para com suas características de cunho artístico/afetivo, o que a diferencia das metodologias mais convencionais cujos pressupostos de base científica são exclusivamente de ordem mais racional. Ou seja, para o próprio entendimento do que constitui o cerne desta metodologia, assim como de seus impasses e exigências principais, deve-se partir de um olhar específico, próprio da livre inspiração de um artista para só a seguir tecer diálogos com a organização mental típica de um cientista. Assim de certa forma, já mesmo no início da explanação do que é esta metodologia, devemos introduzir temas profundos que dizem respeito à sua especificidade radical.

McNiff, oriundo da arte terapia, é muito denso em seus comentários, procura ir ao fundo do que constituiria a metodologia da ABR, produzindo reflexões no que se refere aos processos de produção e de recepção artística por parte tanto do pesquisador quanto dos outros sujeitos envolvidos na pesquisa.

McNiff (2002) enfatiza o quanto é importante para o próprio pesquisador da ABR acreditar, de forma muito bem fundamentada, neste novo método e se dedicar à sua pesquisa detalhada, inclusive, envolvendo-se diretamente com suas questões teóricas. Isto é ainda mais importante no que diz respeito à aliança entre artes aplicadas e as disciplinas ligadas à saúde.

O fato de a ABR ser uma perspectiva metodológica emergente e em formação contínua, e por isto mesmo muito ativa, faz com que o pesquisador passe por importantes impasses metodológicos. Assim, a partir das - e inspirado nas - inquietações deste, McNiff (2002) sugere algumas questões viscerais:

- Como e até que ponto minimizar uma visão muito parcial e absorvida em si mesmo quando o "fazer artístico", pessoal e íntimo é o elemento central da pesquisa? Ou seja, por exemplo, quando o próprio pesquisador é o objeto e o relator da pesquisa? Para que este tipo de pesquisa seja considerada válida, até que ponto devem ser introduzidos alguns padrões que assegurem os mesmos resultados práticos para outras pessoas além daqueles alcançados pelo pesquisador ele mesmo?
- Devem padrões de utilidade para com outras pessoas serem considerados para assegurar resultados práticos desejáveis para a pesquisa?
- Quais as áreas da pesquisa requerem ou não habilidades da expressão artística em questão? A eventual virtuosidade do pesquisador faria diferença na pesquisa? Poderia uma expressão artística autêntica e não-treinada formalmente promover inovação em certas áreas e na própria pesquisa?
- Como conciliar as usuais funções de estruturar, planejar e sistematizar uma pesquisa com a natureza individual e espontânea da experimentação artística, ambas infinitamente variáveis e algumas vezes caóticas, e onde os melhores resultados frequentemente 'acontecem' de forma contrária a todos os pressupostos iniciais?
- Como a organização prévia necessária a uma pesquisa poderá conviver com o lado emancipatório e agonístico do processo artístico?

Outra questão importante é até que ponto a ABR deve ser uma pesquisa primária ou pode ser um meio auxiliar à pesquisa qualitativa; a ABR têm-se demonstrado um exemplo de colaboração interdisciplinar, particularmente entre arte e psicologia. Este tipo de diálogo interdisciplinar é tanto mais valioso quanto mais serve ao entendimento da natureza humana e a todos os saberes e as providências que possam ser úteis para as pessoas, em especial no que diz respeito a saúde dos indivíduos e dos grupos sociais.

McNiff(1998) estabelece que o ponto comum entre a ABR e a própria ciência envolve o uso de sistemática experimentação cujo o objetivo é ganhar conhecimento sobre a vida. Quanto a sua relação com as ciências humanas e sociais, uma das qualidades que definem a ABR é começar o seu trabalho a partir de formular questões e ter disponibilidade de desenhar novos métodos para situações particulares. Assim,

a ABR contrasta com a tendência contemporânea das ciências humanas e sociais de encaixar suas questões dentro de métodos de pesquisa já pré-fixados.

Deve-se esperar da metodologia da ABR que ajude indivíduos e grupos sociais a melhor exprimir seus *insights* a respeito de seus processos internos. Técnicas ou linguagens como fazer música, pintar, escrever, dançar, fazer teatro etc, assim como a ativação das dimensões adormecidas da mente podem oferecer formas de resolver ou rever problemas que não podem ser descritos através da linguagem verbal linear. Cabe ao pesquisador da ABR desenhar experimentos e situações inéditos que possam motivar tais fenômenos.

Aliás, a transcrição das práticas artísticas em linguagem verbal descritiva apresenta uma série de desafios para o pesquisador da ABR. De acordo com o dito anteriormente, o pesquisador da ABR deve acreditar profundamente na potência da arte de acessar experiências além do alcance da linguagem verbal descritiva.

Mc Niff(2003) acredita que a arte vai além do que a ciência pode descrever e que há um nível de apreensão da verdade que é perdido quando se tenta traduzi-la para o verbal.

Mesmo assim McNiff insiste: “eu persisto no esforço de falar e escrever sobre o que eu faço nas artes” (McNiff, 2007 p.35). Ele explica que este esforço é necessário por ser prático em relação a metodologia em si, no que esta pode transmitir informações e ideias que possam ser úteis a outras pessoas.

Dentro de tônica similar a de McNiff, Sajnani (2012) enfatiza o quanto a capacidade de improvisação é importante para os pesquisadores que utilizam a ABR. Ele a considera uma habilidade específica, que exprime abertura para a incerteza, uma sensibilidade especial para com a diferença e o tipo de inteligência estética capaz de bem rastrear as significações pertinentes. Trabalhando com teatro, o autor ressalta o quanto a improvisação facilita e frustra descobertas e como é essencial quando se trabalha com experiências humanas muito marcantes. Sajnani (2012) as exemplifica, citando experiências vividas com comunidades deslocadas por genocínios e outras violações de direitos humanos e situações de traumas sofridos por terapeutas quando atuando em clínicas de saúde mental especializadas em stress pós-traumático.

Finalmente, cumpre-nos nesta resenha, citar um autor que, de forma respeitosa , inteligente e instigante, apresenta objeções ao método da ABR. Trata-se de Elliot W. Eisner que em 2012 escreve sobre as limitações do método. Sua objeção básica questiona a possibilidade de se realizar o que chama de ‘feito mágico’ de

transformar o conteúdo de nossa consciência em formato público que os outros possam compreender sem usar a linguagem verbal proposicional. Ele propõe um limite para as possibilidades efetivas de representação, que existiriam, inclusive, em relação às formas de representação que já são convencionalmente empregadas como tal, na linguagem escrita. Se estivermos falando de formas alternativas de representação, isto quer dizer que seus limites difeririam daqueles impostos pelos discursos proposicionais. Mas, continuariam a existir como limites. E qual utilidade educacional poderia ter um tal diálogo entre limites aos quais estejamos acostumados (como os referentes aos discursos proposicionais) e limites que não sabemos sequer reconhecer como tais? Quanto ao aspecto democrático da ABR, Eisner também o critica, comentando, por exemplo, o quanto uma pesquisa que redundou em um filme feita por alunos de uma escola preparatória privilegiada tem a marca distintiva de sua origem. Embora o autor reconheça que a ambiguidade é uma fonte potencial de *insights* criativos, é também o perigo conhecido como síndrome de Rorschach, ou seja, cada um pode creditar aos dados o que não passa de suas próprias idiossincráticas significações. Nenhum consenso é obrigatório, os dados representam o que cada um deseja que eles representem; ou pior, ninguém sabe o que eles querem dizer.

Não obstante, o seu enfoque não é destrutivo. O autor declara explicitamente que seu objetivo é refinar o que as pesquisas relacionadas à educação representam, como devem ser feitas e o que se pode aprender a partir delas. Todas, devidamente consideradas, podem alargar nosso discurso e ampliar nossas concepções.

6. O FORMATO DA OFICINA ODLM

Em nosso projeto de pesquisa damos ênfase à valorização sócio-cultural que a música pode proporcionar, especialmente em ambientes populares; dessa maneira nos alinhamos à perspectiva pós moderna da Art-Based Research (ABR) que visa dar uma maior voz a grupos minoritários. Para tal utilizamos os instrumentos da nossa cultura como um repertório estritamente brasileiro. Em termos antropológicos e psicológicos ressaltamos a importância destas práticas para a auto-estima, destacando os aspectos terapêuticos da música através do fortalecimento da identificação cultural dos mesmos com aquilo que chamamos de “Brasilidade”.

Nossa oficina criada em Dezembro de 2016 têm o nome de Oficina Dialógica de Linguagem Musical, pois acrescenta ao termo OLM consagrado por Csekö, a palavra “dialógico”, que se refere às relações dialógicas, como sendo aquelas que se processam, quando a expressão musical se insere profundamente nos contextos culturais e históricos que fazem parte de sua própria produção. Leva-se aqui em consideração o conceito de educação dialógica de Paulo Freire que postula que a natureza essencial do conhecimento não é ser aprendido, mas sim construído através da relação Educador e Educando mediados pela realidade.

Na ODLM, a criação musical em curso apresenta-se em forma de relações dialógico-musicais, pois subverte os padrões tradicionais em que “aquele que conhece” ensina “aquele que ignora” em termos de uma realização artística. A expressão musical “é construída” em conjunto com o grupo social que a interpreta e a vivencia intensamente como parte do seu existir coletivo.

Assim, nossa proposta centra-se em torno da criação de uma oficina dialógica de linguagem musical que já vem se constituindo a partir de uma experiência dialógica constante dos pesquisadores com os grupos participantes acerca de como atividades de expressão musical compartilhadas, sob a égide da educação em saúde, pode auxiliá-los em sua qualidade de vida e saúde. Desta forma, a ODLM insere-se, naturalmente, nos abrangentes parâmetros da educação não-formal (GOHN, 2014).

A primeira ODLM realizada aconteceu em Manguinhos em fevereiro de 2017 ligada a uma expedição para a formação dos agentes culturais de saúde. Nesta ocasião, a ODLM foi atividade complementar a um seminário que visava promover a conscientização sobre a proliferação do mosquito *Aedes Aegypt* em um primeiro momento através de uma informação objetiva, de caráter científico sobre Zika,

Dengue e Chikungunya. A atividade musical que complementou esta primeira parte visava:

1. Aumentar a capacidade da percepção para atuar na prevenção do Aedes, a partir de uma perspectiva mais holística dos agentes culturais de saúde, baseada no pressuposto de que um aumento generalizado da capacidade de percepção, propiciado por atividade musical específica pode auxiliar na capacidade de percepção específica ligadas ao tema, necessária para a prevenção da doença.

2. Experienciar o prazer das vivências musicais ligadas ao tema, visando um maior engajamento na causa.

3. Entender o conceito amplo de Saúde criado pela OMS de maneira prática, como um estado de completo bem estar físico, mental e social, e não como mera ausência de doença.

Observou-se, ao final do processo, a importância de se pôr em prática diferentes formas de educação para a saúde, uma vez que esta associação CienciArte pode se converter em um potente instrumento de mudança na causa da prevenção.

Após esta atividade, realizamos mais seis oficinas em que refinamos e reafirmamos os objetivos que alcançamos nesta atividade inaugural.

Além disso, tornou-se uma das nossas propostas principais como grupo, ao realizar uma oficina musical, assegurar a plena participação de todos, proporcionando a sua melhor condição possível de explorar o universo sonoro, independente do seu conhecimento musical prévio.

Nesse sentido, as etapas mencionadas abaixo constituem a ODLM, onde ocorre um desenrolar gradual em que trabalhamos alguns parâmetros musicais e que culmina na realização do “Bandão”, em que todos os participantes tocam juntos músicas do repertório popular brasileiro. São elas:

1. (Etapa) Conversar com o público sobre a ODLM. Explicar o conceito amplo de Promoção de Saúde e dinamizar perguntas, como: O que é saúde? O que é a música? Como ambas se relacionam?
2. (Etapa) Exercícios que trabalhem a sensibilização musical:
 - 2.1 . Acuidade Auditiva(Escutar/Ouvir) – Escuta das obra musical “A ciência em si” (Polissemia em música) – (Evocar Imagens através do som)

- 2.2 . Reconhecimento da Altura do Som(Melodia) Definição sobre os elementos do som e parâmetros musicais, com exercícios práticos sobre (*Ritmo, Melodia e Harmonia*) e (*Duração, Intensidade, Altura e Timbre.*)
- 2.3 . Percepção com o corpo(Compasso) - Percepção auditiva dos registros grave e agudo ao som de um tambor.
- 2.4 . Criação do ambiente Sonoro (Paisagem Sonora)
- *2.5 . Produção por naipes do Passo (Estabelecer Padrões)
- 2.6 . Família dos instrumentos, Produção Coletiva Musical (Bandão).

3. (Etapa) Discussão sobre a prática da ABR

Ao chegarmos o momento *2.5 realizamos diferentes ritmos brasileiros, assim como a mistura das células rítmicas, sendo estes: Baião, Xote, Cocô, Ijexá, Maculelê, Pop, Quebra-Quilo, Capoeira, Ciranda, Samba Rancho, Frevo, Galope, Jongo. Segundo o percussionista Marco Suzano, o conceito das fusões de ritmos deve ser difundido, ou seja o importante é que possamos disseminar uma ideia para que a música seja muito mais rica de opções (MOREL, 2015). O autor parte dessa ideia para defender a prática da disseminação dos ritmos híbridos e sua aplicação para enriquecer a música no que diz respeito às diversidades culturais.

Até o momento atual, já realizamos diversas oficinas para variados públicos, dentro do caráter de natureza predominantemente experimental mencionado acima. Entre elas: Na Casa do trabalhador para a formação de Agentes Culturais de Saúde, nas aulas da disciplina Ciência e Arte I do Programa de Pós-Graduação de Biociência e Saúde e curso de extensão “ Falamos de Chagas com CienciArte e Alegria”.

Cabe ressaltar que este é um trabalho em progresso (*work in progress*) e com a sequência de reflexões que se dão nas reuniões semanais do grupo de pesquisa que inclui estudantes e profissionais que pesquisam e trabalham outras formas de expressão artística (dança, audiovisual e literatura) – todos também sob a orientação do prof. Dr; Marcio Mello - a Oficina vem ganhando novas configurações, de forma a abarcar estas novas linguagens artísticas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos socioculturais, a música tem sido espaço de desenvolvimento de programas e projetos de educação não formal nas classes populares por suas características de fenômeno universal e de atrair a atenção de todas as faixas etárias. Assim sendo, a ODLM se insere por intermédio de sua abordagem Dialógica no mundo da vida, como afirma Gohn:

A educação não formal se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, em espaços e ações coletivas cotidianas, têm condições de unir cultura e política, aqui entendida como *modus vivendis* (GOHN, 2014, página 41).

Os programas e projetos da educação não formal devem cruzar, atuar e potencializar a educação não formal. Para isso, a pesquisa precisa colaborar para uma mais acurada compreensão por parte dos gestores das políticas públicas, sobre a necessidade da articulação da educação formal com a não formal.

Segundo Mello (2016):

Sendo artistas ou cientistas, educadores ou profissionais de saúde que realizam pesquisa ou arte ou atendimento em saúde como atividade profissional ou amadora e voluntária, sempre podemos produzir conhecimentos com base em nossas experiências, sem necessariamente separar o nosso “pensar” do nosso “fazer”, nem depender de teorias ou técnicas pré-estabelecidas por um certo cientificismo em vão (Expedição Manguinhos módulo 2, pág 1).

Essas questões constam em nossa justificativa e estão diretamente ligadas a nossa preocupação de proporcionar espaços de pesquisa para um público mais amplo, com uma linguagem acessível para que o maior número de pessoas possa experimentar o prazer de participar e pensar sobre as possibilidades que a música através da oficina pode proporcionar.

Baseada em nossas próprias experiências práticas, a música pode ser “um veículo para compartilhar informações” (LEAVY, 2009, p. 124) e para acessar e destacar dimensões de experiências sociais.

Pretendemos através da realização desse trabalho refletir sobre os campos da Ciência e da Arte e suas ramificações na tríade Música, Promoção da Saúde e

Art-Based Research, incorporando a metodologia da ABR como forma de apresentar os dados da pesquisa qualitativa através da performance e apresentação artística, em nosso caso de forma musical, e dessa maneira contribuir também para o avanço da ABR no Brasil.

Nesse trabalho demos importância ao processo da prática musical em conjunto, correlacionando prática com reflexões teóricas sobre Educação em Saúde e Promoção da Saúde.

A construção teórica bem como as ODLM demonstraram que a metodologia da ABR motiva para responsabilidade entre os envolvidos, expande as possibilidades de divulgação do trabalho científico ao alcançar um maior número de pessoas, que não só a comunidade acadêmica, assim como leva a formulação de novas perguntas que sugerem outros caminhos possíveis para a pesquisa qualitativa em saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAN, H., 1994(1986) Com Razão ou Sem Ela: intercrítica da Ciência e do Mito. Lisboa: Piaget. 1994.

ATLAN, H. 1991. Tudo, Não, Talvez, Educação e verdade . Lisboa: Piaget.

BARROS,NF. A Construção da Medicina Integrativa. Um desafio para o campo da saúde. São Paulo: Aderaldo& Rothschild editores, 2008.

CSEKÖ,L.C. A reimplantação da educação musical no ensino fundamental e médio OLM – Uma pedagogia musical para o século 21: Artigo de 1970.

CZERESINA, Dina – O Conceito de Saúde e a Diferença Entre Prevenção e Promoção. Esse texto é uma versão revisada e atualizada do artigo ``The concept of health and the difference between promotion and prevention``, publicado nos Cadernos de Saúde Pública (Czeresnia, 1999). In: Czeresina D, Freitas CM (org.). Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.p. 39-53.

Davis, C. A. (2012). “ A play is not a journal article: “ A review of Johnny Saldaña’s Ethnotheatre: Research from Page to Stage. *The Qualitative Report*, 17(REV. 16).

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O que é filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. – São Paulo: Editora 34, 2010 (3a edição). 272 p. (Coleção TRANS).

DUCHIADE,M.P.,1995. População Brasileira: um retrato em movimento. In: *Os Muitos Brasis: saúde e população na década de 80*. (Minayo, M.C.S. org.), Rio de Janeiro: Abrasco/Hucitec. Pp. 14-56.

EISNER, Elliot, W. The Promise and Perils of Alternative Forms of Data Representation: Educational Researcher, Vol. 26, No. 6. (Aug. – Sep., 1997), pp. 4-10.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo, 1921 – 1997. Pedagogia do oprimido 58. Ed. Rev. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOHN, Maria. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. Investigar em Educação – II a série número 1 , 2013.

KARA, Helen, 2015. Creative Research Methods in the Social Sciences: A practical Guide. Policy Press.

LEAVY, Patricia, 2015. *Method Meets Art, Second Edition: Arts-Based Research Practice* .

MCNIFF, Shaun. *Art-based research*, 1998.

MCNIFF, J., & Whitehead, J. (2002). *Action research: Principles and practice* (2nd ed.). London ; New York: RoutledgeFalmer.

MCNIFF, S. (2003). *Creating with others: The practice of imagination in life, art, and the workplace*. Boston: Shambhala Publications.

MCNIFF, Shaun. *Art as Research: Opportunities and Challenges*, 2013. Intellect, 2013.

MELLO, Márcio Notas de aula da matéria Educação Popular Cultura e Saúde . no curso de pós-graduação Ciência, Arte e Cultura na Saúde no IOC_ FIOCRUZ , 1] semestre de 2016.

MOON, L. *Art-Based Group Therapy: Theory and Practice*, 2010. Editora Charles C. Thomas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. Ed. – São Paulo: Hucitec, 2007.

MOREL, Leo. *Monobloco: uma biografia*. 1.ed – Rio de Janeiro - Editora azougue editorial – 2015

NUTBEAM, D., 1996. “Glosario de Promoción de la Salud.”. In *Promoción de la Salud: una antología* . Publicación Científica nº 557. OPAS.1996. Pp. 393-403.

OPAS 1996. *Promoción de la Salud: Una Antología*. Publ. Cient. 557. OPAS, Washington. 403 pp.

PLAZA, Julio, TAVARES, Monica. *Processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais*. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. *Arte/ciência: uma consciência*. In: *Ars* , São Paulo, v.1, n. 1, p. 37-47, 2003.

Ribeiro, RJ. ‘Apresentação do organizador.’ In Ribeiro, RJ (organizador). *Humanidades, Um novo curso na USP* . São Paulo:Edusp.2001. PP. 11-29.

Sajnani, N. (2012), ‘Improvisation and art-based research’, *Journal of Applied Arts E Health* 3:1, pp. 79-86, doi: 10.1386/jaah.3.1.79_1

SALDAÑA, J. (2011). *Ethnotheatre: Research from page to stage*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press.

SAWADA, Anunciata Cristina Marins Braz; ARAUJO-JORGE, Tania C.; Ferreira, Francisco Romão. Cienciarte ou Ciência e Arte? refletindo sobre uma conexão essencial. In: Educação, Artes e Inclusão. v. 13, n. 03, set./dez. 2017.

Van der Vaart, Gwenda; Hoven, Bettina van & Huigen, Paulus P.P. (2018). Creative and Arts-Based Research Methods in Academic Research. Lessons from a Participatory Research Project in the Netherlands [65 paragraphs]. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, 19(2), Art. 19.

Anexo 1: Curso de Formação de Agentes Populares de Saúde no Controle do Aedes/Expedição Manguinhos 2017 - onde aconteceu uma ODLM



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



CURSO DE FORMAÇÃO DE AGENTES POPULARES DE SAÚDE E VIGILÂNCIA CIENCIARTE NO CONTROLE DO AEDES COM SAÚDE COMUNITÁRIA - EXPEDIÇÃO MANGUINHOS 2017



COORDENAÇÃO GERAL: Tania Araújo-Jorge, Luciana Garzoni e Valéria Trajano

APOIO E PARTICIPAÇÃO: Conselho Gestor Intersetorial de Manguinhos, ENSP-DSSA, CMPDI-UFF, Cooperação Social-Fiocruz, CIEP-JK, SMSDC-VIGAMBIENTAL, Casa do Trabalhador-Manguinhos, Fala Manguinhos.

MÓDULO II

LOCAL: Casa do Trabalhador de Manguinhos

VAGAS: 50 participantes, todos da comunidade de Manguinhos, sendo 20 adultos (preferencialmente mulheres), 20 jovens acima de 14 anos e 10 profissionais de educação, cultura e saúde.

INSCRIÇÕES: Casa do Trabalhador de Manguinhos entre os dias 06/01 a 31/01 de 2017

DATA DO EVENTO: Entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 2017

HORÁRIO: 13h às 18h

INFORMAÇÕES: (21) 2334.8950



CONTEÚDO: 1- Criatividade para o controle do Aedes, da Zika, Dengue e Chikungunya – características do mosquito e das doenças por ele transmitidas; 2- Investigação e mapeamento participativo dos determinantes da manutenção do Aedes no território de Manguinhos com coleta e análise de amostras de água em lupas e microscópios. 3- A mídia na comunicação em saúde: Aedes, Zika, Dengue e Chikungunya em matérias de TV, rádio e jornal e a preparação de uma intervenção local; 4- A produção audiovisual comunitária em saúde - A técnica do videoprocessamento como ferramenta para o registro das atividades do curso em formato de vídeos curtos-metragens 5 Oficina de Linguagem Musical (OLM) -Oferecer uma oficina musical, para que todos os participantes possam interagir e explorar o universo sonoro, independente de conhecimento musical prévio, com ênfase nas questões relacionadas à promoção da saúde e prevenção de doenças. 6 - Saram e apresentação de trabalhos e vídeos.



DINÂMICA: Cinco oficinas dialógicas de ciência e arte para educação, inovação e interdisciplinaridade, e um evento final com exposição dos trabalhos. Com base nos conteúdos relacionados à transmissão dos vírus da Dengue, Zika e Chikungunya, serão trabalhadas as interações entre a ciência e a arte, e como todos são e podem ser cientistas e artistas ao exercitar o método científico e o método CienciArte. As oficinas trabalharão práticas lúdicas e de metaformação, com modelagem 5D, jogos, músicas, vídeos e práticas promotoras da criatividade e da inovação: observar e registrar, evocar imagens, abstrair, reconhecer e formar padrões, estabelecer analogias, pensar com o corpo, ter empatia, pensar de modo dimensional, criar modelos, brincar, transformar e sintetizar. O trabalho final destacará a interação CienciArte na comunidade.

MATERIAL: Será disponibilizado no local, sem custo para os participantes.

DECLARAÇÃO: certificado de conclusão (curso de extensão com a carga horária, ementa, e corpo docente)



EQUIPE: O curso e o material foram elaborados pela equipe interdisciplinar do Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (Lilab) do Instituto Oswaldo Cruz, com o apoio de diversos parceiros e colaboradores convidados. Além dos coordenadores, participam dessa edição: Adrielle Micaelo Fernandes, Antônio Moraes Neto, Aline Angel, Celso Almeida (PROVOC), Clarisse Fliche (PROVOC), Fábio Marques, Lelipe Pires, Fernanda Sant'Ana, Luiz Otávio, Marcelo Mendes, Mel Bonfim, Márcio Luiz Mello, Natanael dos Santos, Rafaela Assupeão, Ricardo Malheiros, Rita Machado, Roberto Silva, Roberto Todor, Sandra Azevedo, Sheila Assis, Teima Jiméteo, Thays Merçon e Victor Stratner.



Anexo 2: Modelo teórico do primeiro Plano de Aula da ODLM

Expedições Manguihos Módulo II

Oficina de Linguagem Musical Dialógica como caso de Arte baseada em pesquisa

Título: A música como promoção da saúde - A criação musical individual e coletiva como expressão artística promotora de saúde no ambiente educacional e comunitário.

Responsáveis: Márcio Luiz Mello, Victor Strattner e Adrielle Fernandes.

Participação: Fabio Marques, Roberto Silva, Celso Almeida (PROVOC) e Clarisse Fiche (PROVOC).

Carga Horária: 5 horas

Objetivos: Promover uma articulação entre Promoção de Saúde, Musicoterapia e aspectos da Educação Musical, considerando que a Arte e a Música podem ser meios para compreender e expressar as realidades do cotidiano e do mundo, além de formas de realizar e disseminar pesquisas por meio de performances musicais dialógicas. Oferecer uma Oficina de Linguagem Musical Dialógica (OLMD) como caso de Arte baseada em Pesquisa (ABP) - A música como método, utilizando conceitos abordados na disciplina "Educação Popular, Cultura e Saúde", para que os participantes possam participar e explorar o universo sonoro, independente de conhecimento musical prévio. Se traduz em uma forma ampla de entrar em contato com a música e seus elementos.

Justificativa:

Sendo artistas ou cientistas ou educadores ou profissionais de saúde que realizam pesquisa ou arte ou atendimento em saúde como atividade profissional ou amadora e voluntária, sempre podemos produzir conhecimentos com base em nossas experiências, sem necessariamente separar o nosso "pensar" do nosso "fazer", nem depender de teorias ou técnicas pré-estabelecidas por um certo cientificismo vão.

Baseada em nossas próprias experiências práticas, a música pode ser "*um veículo para compartilhar informações*" (Leavy, p. 124) e para acessar e destacar dimensões de experiências sociais.

Dinâmica:

Explorar, tocar, criar/improvisar com os sons produzidos por objetos sonoros/instrumentos. A sala de aula, antes uma rígida ausência de instrumentos musicais, passa agora a apresentar uma insuspeita, abundante gama de sons, um surpreendente espectro tímbrico dinâmico, de duração e altura. Investiga os processos de escuta diferenciada, Acuidade Auditiva, Memória Sonora, Imaginação Sonora, desenvolvendo o Ouvido Interno, estimulando o processo de criação.